



**DEPENDÊNCIA QUÍMICA NA ADOLESCÊNCIA: REFLEXÕES ACERCA DA
PULSÃO DE MORTE**

Fernanda Menegon Cavallin

Caxias do Sul, 2019

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
CURSO DE PSICOLOGIA

**DEPENDÊNCIA QUÍMICA NA ADOLESCÊNCIA: REFLEXÕES ACERCA DA
PULSÃO DE MORTE**

Trabalho apresentado como requisito parcial
para conclusão da disciplina de PSI0519AH —
Trabalho de Conclusão de Curso II, sob orientação da
Professora Dra. Tânia Maria Cemin.

Fernanda Menegon Cavallin

Caxias do Sul, 2019

“Devemos começar a amar a fim de não adoecermos e estamos destinados a cair doentes se, em consequência de frustrações, formos incapazes de amar.”
(Sigmund Freud)

SUMÁRIO

	Página
RESUMO.....	6
INTRODUÇÃO.....	7
OBJETIVOS.....	10
REVISÃO DA LITERATURA.....	11
A dependência química.....	11
Adolescência, processo de transição.....	13
Aspectos fundamentais da Psicanálise e o conceito de Pulsão de Morte.....	16
MÉTODO.....	20
Delineamento.....	20
Fontes.....	20
Instrumentos.....	21
Procedimentos.....	21
Referencial de análise.....	21
RESULTADOS.....	23
DISCUSSÃO.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	36

LISTA DE TABELA

Tabela 1. Categorias e recortes cenográficos..... 23

RESUMO

O presente trabalho busca investigar quais as possíveis contribuições da psicanálise para a compreensão da dependência química, relacionada à pulsão de morte na adolescência, tendo como objetivo auxiliar no entendimento dos aspectos psíquicos que envolvem esta questão. A adolescência é caracterizada como uma época sensível no processo de desenvolvimento humano, sendo que, algum uso de substâncias químicas acaba tendo uma frequência significativa, uma vez que, a experimentação da droga neste momento evolutivo, tem a conotação de liberdade e de conhecimento a respeito do próprio corpo, além de servir como amortecedor para situações de sofrimento psíquico. No que tange aos quadros abusivos de dependência química, há a presença de prejuízos consideráveis na vida do sujeito, porém, estes não impedem a continuação do consumo da substância. Para atender ao objetivo deste trabalho, procurou-se, primeiramente, conceituar a adolescência e a dependência química, informando dados sociais e epidemiológicos, no entanto, priorizando um possível entendimento da questão à luz da teoria psicanalítica. Além disto, como método, trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório e interpretativo. A revisão da literatura é composta por capítulos de livros clássicos e atuais, além de artigos científicos publicados entre os anos de 2000 a 2014. Como fonte de análise desta pesquisa utilizou-se o filme: “Diário de um Adolescente”, de Heller, Manulis e Kalvert (1995). Ademais, os dados coletados foram organizados em forma de tabela, a partir da definição *à posteriori* das categorias de análise, que são: do uso ao abuso, prazer relacionado à destruição, dificuldades de enfrentamento da perda e consequências prejudiciais do abuso. Para a realização da análise de conteúdo, foi utilizado o referencial metodológico de Laville e Dionne (1999). Com base nestas informações, buscou-se analisar os conteúdos presentes neste trabalho e percebeu-se que existem diversos aspectos conscientes, e principalmente inconscientes, no funcionamento do adolescente com quadro de dependência química. Alguns destes aspectos podem ser relacionados à concepção teórica da pulsão de morte, elaborada por Freud em “Além do Princípio do Prazer”, publicado em 1920, a partir da reformulação da Teoria das Pulsões. Este conceito foi trazido à discussão por diversos outros autores posteriormente, sendo a visão de André Green uma das principais a ser abordada neste trabalho, além da articulação teórica realizada entre este conceito e as contribuições teóricas de Green, sendo então o narcisismo absoluto primário e as funções objetualizante e desobjetualizante.

Palavras-chave: dependência química, adolescência, psicanálise, pulsão de morte

INTRODUÇÃO

Com este trabalho, cujo tema é “A dependência química como expressão do princípio do prazer e possíveis relações com a pulsão de morte na adolescência”, pretende-se apresentar possíveis construções da teoria psicanalítica que abordam sobre o desenvolvimento da dependência química na adolescência e os aspectos do psiquismo que ali se envolvem.

Segundo Santos e Pratta (2012) a adolescência é concebida como processo fundamental para a formação da identidade do ser, momento em que ocorrem reinvestimentos pulsionais e ressignificações em diversos âmbitos. Nesta fase, ocorre a reedição da conflitiva edípica, que foi anteriormente apresentada ao sujeito em sua infância. Neste momento, conflitos relativos à castração e às escolhas objetais voltam ao foco (Freud, 1905/1977).

Esta fase, então, para Schenker e Minayo (2004) constitui um período complexo e marcado por diversas mudanças críticas que se apresentam ao sujeito, em seus mais diversos aspectos. É também na adolescência que ocorre uma maior procura à experimentação de novas situações e um maior convívio com os pares (Vasters & Pillon, 2011).

Nesta busca por novas experiências é frequente o consumo de drogas, sejam lícitas ou ilícitas. Tem-se que o uso de substâncias é um fenômeno bastante antigo e que remete à antiguidade, mas que se perpetua atualmente, tornando-se um caso grave quando se trata de saúde pública, tanto a nível mundial, quanto no Brasil (Marques & Cruz, 2000).

Os motivos para a ocorrência de comportamentos de risco e, em especial, o consumo de drogas na adolescência são variados. Segundo as pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2015), cerca de 55,5% de estudantes de escolas públicas entre 13 e 15 anos de idade, já tiveram contato com bebidas alcoólicas e aproximadamente 9,0% experimentaram algum tipo de substância ilícita. Portanto, tratando-se de um ato de grande amplitude no país.

Todas as formas de dependência química, independente da substância, aumentam o risco de suicídio. Em especial, o abuso de álcool é identificado em aproximadamente 25-50% de todos os suicídios cometidos a nível mundial. De todas as mortes registradas por suicídio, 22% são atribuídas ao uso do álcool. (OMS, 2014, tradução da pesquisadora)

De acordo com Serretti (2012) a Psicologia, como ciência que estuda o comportamento humano em suas mais diversas dimensões, encontra nessa perspectiva uma área de sua atuação. Utilizando-se da psicanálise, pode-se encontrar uma possível relação da dependência química com aspectos teóricos das pulsões, narcisismo, inconsciente e da compulsão à repetição. No entanto, neste trabalho, dar-se-á ênfase para possíveis relações entre o consumo

de drogas e a premissa do princípio do prazer, relacionando, em especial, a pulsão de morte, descritas por Freud na obra “Além do Princípio do Prazer”, publicada originalmente em 1920.

Na visão de Santos e Pratta (2012), de acordo com a teoria psicanalítica, o uso de substâncias está diretamente relacionado à busca das primeiras experiências de satisfação, articulando-se ao mecanismo central que regula o psiquismo humano: o princípio do prazer. A drogadição também pode relacionar-se à eliminação e à evitação de dor e sentimentos desagradáveis, além do “apaziguamento da dor de existir” (Serretti, 2012).

Como descrito por Serretti (2012), é neste momento, que a droga passa a representar uma função psíquica para o sujeito intoxicado, que agora distancia-se do princípio de realidade e busca, na drogadição, o retorno às fases anteriores de sua constituição, ou seja, à volta de um estado de narcisismo primário. Portanto, apesar de servir ativamente às pulsões de vida, a consolidação de um quadro de dependência química também atende a um desejo inconsciente do sujeito de voltar ao inorgânico e a estágios mais primitivos, relacionados à pulsão de morte. Esta perspectiva de regressão está vinculada ao conceito de narcisismo negativo, no qual o narcisismo primário absoluto revela a tendência de encontrar em si mesmo a própria satisfação, processo que, ao longo de seu curso, resultará na redução de investimentos em si, até um estado de quietude e inércia (Green, 1988a).

O interesse pelo tema deste trabalho de conclusão de curso, surgiu ao decorrer do curso de psicologia, nas disciplinas de Psicologia da Adolescência, Psicologia da Saúde e Psicologia e Psicoterapia Psicanalítica. Além das disciplinas, a vivência de estágio extracurricular em um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS III AD) também contribuiu para uma maior atenção ao tema, principalmente no que tange às questões de constituição do sujeito que o tornam suscetível ao uso de entorpecentes.

No estágio descrito acima, observou-se algumas dificuldades que o adolescente dependente químico vivência, como problemas familiares, conflitos entre o grupo de amigos e a tendência inerente a se envolverem em comportamentos perigosos enquanto sob o efeito da substância. A dificuldade da equipe multidisciplinar que atuava no local em conseguir lidar com este adolescente, também foram fatores observados.

Juntos, estes fatores incentivaram a leitura de livros e artigos científicos a respeito da teoria psicanalítica, em especial o conceito de Pulsão de Morte e suas possíveis correlações no momento da adolescência. Escrever sobre este tema, alude à experiência prática realizada no CAPS, na qual uma parcela dos pacientes atendidos com quadro consolidado de dependência química, encontravam-se ainda na fase da adolescência.

Segundo dados do IBGE (2015), este é considerado um tema atual, que constitui um problema de saúde pública e cujos índices vêm aumentando nos últimos anos. Ressalta-se,

então, a importância do estudo desta temática visando o aumento das produções científicas e das contribuições que a Psicologia propõe para estes casos, de forma a melhor entender este sujeito e assim, resultando em uma prática psicológica mais assertiva. Dito isto, propõe-se o problema de pesquisa deste trabalho: quais as possíveis contribuições da psicanálise na compreensão da dependência química relacionada à pulsão de morte, na adolescência?

OBJETIVOS

Objetivo geral

Identificar possíveis contribuições da psicanálise na compreensão da dependência química relacionada à pulsão de morte, na adolescência.

Objetivos específicos

Descrever a adolescência na perspectiva da psicanálise.

Caracterizar a dependência química e relações com o princípio do prazer.

Conceituar a pulsão de morte de acordo com a teoria psicanalítica.

REVISÃO DE LITERATURA

A dependência química

Ao longo do desenvolvimento da humanidade, diversos povos e civilizações fizeram o uso de substâncias psicoativas, pelos mais variados motivos. Essa ligação, embora seja explicada pelo uso de drogas estar relacionado a fatores religiosos e socioculturais, merece uma investigação mais aprofundada (Serretti, 2012).

Durante o século XIX, tanto o uso de álcool quanto de derivados do ópio era amplamente difundidos, em especial no continente europeu. A partir do início do século XX, gradualmente, o consumo de drogas foi se tornando um problema de cunho social: o sujeito usuário de substâncias não desejadas socialmente, torna-se alguém condenado moralmente. Nesse mesmo período, ocorre a divisão entre as drogas que são mais bem vistas socialmente, por não apresentarem consequências tão diretas e as que são mal vistas, geralmente relacionadas aos prejuízos mais visíveis para o sujeito, principalmente relacionadas a danos para suas atividades laborais (Alencar, 2016).

Na maioria dos casos, o consumo de substâncias é direcionado à obtenção de algum tipo de benefício, seja para evitar alguma dor ou para vivenciar prazeres. No entanto, muitas vezes é difícil o reconhecimento desta ingestão, principalmente quando passa para a categoria de abuso, sendo que, este implica em potencial danoso, a longo ou curto prazo, para o sujeito. Dentre as principais consequências a longo prazo, pode-se citar o desenvolvimento de doenças crônicas, efeitos agudos como a overdoses, problemas sociais graves, por exemplo detenções e problemas sociais crônicos, como a incapacidade de exercer adequadamente seu papel dentro de um sistema familiar (OMS, 2004).

Este tipo de classificação do uso de drogas passa também, pela definição do que é e do que não é considerado como “droga”. No senso comum, há uma definição antiga de que droga significa algo ilícito, proibido. Recentemente, compreende-se que os medicamentos também são considerados como drogadições. Embora seja de conhecimento que remédios possam causar danos à saúde, ocorre uma separação e apenas algumas substâncias são correntemente consideradas drogas, constituindo assim, um problema (Lopes Júnior & Costa, 2014).

Ademais, segundo o Superior Tribunal Militar (2015) o uso de drogas pode apresentar inúmeros tipos e níveis. Com relação a seus formas de uso, estes podem ser de ordem militar, sendo que, o tráfico e porte de drogas nas Forças Armadas Brasileiras aumentaram 337,5% nos últimos 12 anos. Para Silva, Danielski e Czepielewski (2002) o uso de drogas dentro do esporte é visto sob a ótica da utilização de esteroides e anabolizantes, que visam

aumentar o desempenho do atleta e que podem acarretar diversos problemas, como psicopatologias, doença coronariana e esterilidade. O tipo de uso de cunho religioso é antigo e provavelmente um dos primeiros indícios de consumo de substância na humanidade, pois o uso de certas plantas é o modo pelo qual, em certos rituais, ocorrem alterações de consciência (Lopes Júnior & Costa, 2014).

Com relação aos níveis de consumo, tem-se em primeiro lugar a experimentação, que se define pelo contato inicial que o sujeito terá com a substância elegida. É na adolescência o momento em que, geralmente, ocorre este primeiro contato com as drogas, sejam elas lícitas ou ilícitas, exemplifica Tavares, Béria e Lima (2001). Já a utilização recreativa caracteriza o uso em circunstâncias sociais e de lazer, sem que implique em problemas de saúde e outros prejuízos. No entanto, a partir do momento em que o sujeito inicia o consumo abusivo desta substância, começam a aparecer os primeiros problemas e consequências, que podem impactar em diversos âmbitos: social, familiar, econômico etc (Silveira & Doering-Silveira 2016).

Com relação ao uso abusivo de substâncias, segundo Vianna (2014) pode-se identificar que o principal critério é a relação de destrutividade que se estabelece, quando em comparação ao uso recreativo. Na dependência química, não existem limites ao uso da droga, ocupando assim, um lugar de destaque para o sujeito. A dependência química é a consolidação deste estado de uso contínuo com os prejuízos acarretados, que mesmo agora sendo percebidos pelo sujeito, muitas vezes não são o suficiente para que se busque tratamento e ajuda. Torna-se importante a caracterização destes conceitos, visto o nível de impacto que cada estilo de consumo possui na vida do indivíduo.

Atualmente, de acordo com o Ministério da Saúde (2003) no Brasil, a dependência química representa um grave problema de saúde pública, sendo associado também a questões de segurança e criminalidade. A dependência de drogas é também um problema que afeta as pessoas de diferentes contextos e circunstâncias, de inúmeras maneiras e por inúmeras razões. Como dado estatístico, tem-se que a região sul do país, apresenta o maior percentual de adolescentes consumidores de bebidas alcólicas (32,3%) (IBGE, 2015).

Serretti (2012) caracteriza Sigmund Freud, como o pai da psicanálise, apresenta possíveis pontos de vista para o consumo de drogas. Apesar de existentes, são poucas e breves as referências à temática. Em “Mal-estar na Civilização”, Freud (1930/2010) considera o uso de drogas um modo primitivo, porém funcional de prolongar a sensação de contentamento e felicidade, além de também possuir a função de evitação de desprazer.

Uma das principais obras de Freud relacionadas a esta temática é “Além do Princípio do Prazer”, de 1920. Neste trabalho, o autor redige sobre a lei que rege o inconsciente, o

princípio do prazer - forte tendência que demanda do sujeito excitação e a realização de seus desejos e fantasias. Esta demanda nem sempre será satisfeita, pois poderá ser contrariada por outras forças e circunstâncias que virão do princípio de realidade, constituído pela pulsão de auto conservação e lei regente do consciente (Freud, 1920/1996).

O princípio de realidade é também o que conecta o indivíduo ao mundo exterior e às suas demandas, portanto, aqui se apresentará uma relação conflituosa, que exigirá do sujeito maturidade egóica para lidar com as situações. Quando ocorre um equilíbrio saudável entre estas duas forças, tem-se a homeostase psíquica (Levisky, 1998).

O uso e abuso de substâncias estão também diretamente relacionados à busca do prazer, que é inerente ao psiquismo (pulsão de vida) e obedece ao princípio do prazer. Porém, em casos em que o consumo abusivo se torna um caso de dependência química, há o desejo do sujeito dependente químico em diminuir seu sofrimento psíquico, levando-o a um estado de anulação de si mesmo. Neste momento, pode-se também relacionar esta situação com o conceito de pulsão de morte e também a um desequilíbrio entre o princípio do prazer e de realidade. (Santos & Pratta, 2012; Levisky, 1998).

Diferentes autores possuem variadas visões e compreensões a respeito do consumo de drogas. Para Kalina (1988), o consumo de substâncias é intrínseco à humanidade e relaciona-se com a incapacidade do ser humano em aceitar sua condição de finitude e morte. Já Aberastury e Knobel (1992), entendem a patologia do consumo de drogas como sendo uma expressão do conflito do indivíduo e sua realidade, da relação entre suas estruturas psíquicas ou da relação do sujeito frente ao mundo exterior. Segue-se abordando aspectos fundamentais do momento evolutivo da adolescência.

Adolescência, processo de transição

A adolescência é considerada a passagem da infância para a idade adulta. Este processo é caracterizado por inúmeras transições desenvolvimentais — físicas, sociais, emocionais e cognitivas. Esta definição é considerada moderna, tendo em conta que os primeiros estudos sobre a faixa etária são do século XX e de concepção ocidental. Atualmente, percebe-se novos parâmetros para a adolescência, como um desenvolvimento mais precoce da puberdade, maior indefinição sobre a duração deste estágio e início mais tardio da vida profissional (Papalia & Feldman, 2013).

Torna-se importante diferenciar dois conceitos importantes: puberdade e a adolescência, que embora estreitamente relacionados, se referem a aspectos diferentes. A

puberdade diz respeito às transformações biológicas, enquanto a adolescência é fundamentalmente baseada nos aspectos psicológicos e sociais (Levisky, 1998).

Mais recentemente, há a descoberta de que, ao contrário do que pensavam os cientistas, na adolescência o cérebro ainda é imaturo. No âmbito biológico, este não-preparo pode ter como consequência uma maior propensão a comportamentos de risco, explicados na relação de uma rede socioemocional que é suscetível a elementos emocionais e sociais, como a influência de outros iguais e grupos e uma rede de controle cognitivo que regula respostas ainda não amadurecidas (Papalia & Feldman, 2013).

Com relação aos aspectos psicológicos da fase, Santos e Pratta (2012) afirmam que a forma de "ser" do adolescente é dolorosa e intensa. O sujeito, nesta idade, está em busca da consolidação de sua identidade e personalidade própria, realizando assim, uma série de lutos: o luto pelo corpo infantil, que implica em aceitar as mudanças que lhes são impostas pelo mundo externo; o luto pelo papel e identidade infantis, que condiz à aceitação das novas responsabilidades; e o luto pelos pais da infância, o qual, muitas vezes é dificultado pela própria atitude do adolescente em manter estas concepções de proteção e refúgio (dadas na infância) em sua identidade (Aberastury & Knobel, 1992).

Conforme Levisky (1998) ao iniciar-se a adolescência, há a interrupção do período de latência. O adolescente vivenciará a reedição do conflito edipiano, retomando as experiências infantis de prazer e desprazer, agora potencializadas e apresentando possibilidades reais de realização. Este elemento é um dos fatores responsáveis por mudanças consideráveis na dinâmica psíquica do sujeito. Estando diante da reedição do conflito edipiano, as situações de desamparo infantil se potencializam, podendo tornar-se fatores de conflito e sofrimento psíquico. No entanto, a reestruturação interna deste sujeito torna-se necessária na medida em que agora, este tem a oportunidade de tornar-se um ser próprio, autônomo e em processo de diferenciação e separação de seus pais (Cardoso, 2014).

Segundo Aberastury e Knobel (1992) o adolescente é um depositário das projeções advindas dos pais, irmãos, amigos e sociedade em geral. Toda essa pressão pode levar o sujeito a assumir questões que não são suas e a captar os aspectos mais doentios do ambiente em que se encontra. Os pares desempenham especial função nesta etapa, pois são constituidores de subjetividade e dos laços sociais do adolescente (Levisky, 1998).

O comportamento em grupo é o resultado de uma superidentificação em massa, isto é, momento em que o adolescente parece pertencer mais ao grupo de seus pares do que à própria unidade familiar. Neste grupo, o adolescente encontra compreensão e apoio acerca

de seus processos de instabilidade e mutação, além de servir como passagem para a individuação na vida adulta (Aberastury & Knobel, 1992).

De acordo com Toscano Jr (2001) no que diz respeito às relações familiares, pode-se perceber que a dependência química influencia diretamente na qualidade delas. Ainda segundo o autor, alguns fatores familiares podem interferir no desenvolvimento desta patologia, como relações afetivas precárias, ausência de regras e limites dentro da unidade familiar, falta de acompanhamento por parte dos pais e situações de conflito permanente. Na contramão, relações familiares amparadoras e um ambiente compreensivo e de boa comunicação, também são aspectos que influenciarão no desenvolvimento da mesma patologia.

Por isso, a entrada no “mundo dos adultos” é, ao mesmo tempo, desejada e temida pelos adolescentes. Embora o momento signifique a perda de sua condição infantil, também significa a conquista de autonomia e a possibilidade de desvincular-se da identidade idealizada anteriormente pelos pais (Aberastury & Knobel, 1992).

O sujeito adolescente apresenta a atuação de múltiplos personagens — ao mesmo tempo, possui vários corpos, o infantil, atual em modificação e o adulto, e várias identidades, que flutuam e oscilam conforme a demanda externa se apresenta. Todos estes aspectos ajudam a pensar a adolescência em sua inconstância e problemática. Quando o indivíduo aceita a ambiguidade de possuir aspectos infantis e adultos em si, pode, então, começar a formular sua nova identidade e concepção (Aberastury & Knobel, 1992).

Juntando a fragilidade egóica adolescente a um ambiente hostil e desencorajador, pode-se criar as condições propícias para o desenvolvimento do sofrimento psíquico e, de forma mais grave, a patologias psicológicas. Entre estas condições mais graves, pode-se elencar a dependência química como um dos problemas que o adolescente pode vir a enfrentar. (Kalina, 2001; Aberastury & Knobel, 1992).

Segundo Levisky (1998), o consumo abusivo de drogas na adolescência faz parte dos comportamentos de risco que o adolescente tende a exibir neste período e pode ser explicado pela tentativa de experimentação de seu próprio corpo, seus afetos e autonomia próprias. A descoberta da droga, para o adolescente, pode ser considerada como uma promessa para a liberdade, na qual os seus efeitos propiciarão imediatas sensações de prazer, além de, possibilitar alívios diante às exigências do social (Vianna, 2014).

Para Papalia e Feldman (2013). o uso de substâncias químicas é relativamente comum na adolescência. Quando esse consumo traz prejuízos, é denominado abusivo. O consumo abusivo de substâncias pode levar à dependência química de forma biológica, psicológica ou ambas. É importante destacar que este consumo abusivo, quando iniciado na

adolescência, tende a manter-se na idade adulta. Além disso, a dependência química pode levar a outros comportamentos de risco, como acidentes de trânsito, relações sexuais desprotegidas e tentativas de suicídio.

Como abordado anteriormente, o consumo de drogas está relacionado intimamente com a busca por prazer. Porém, em muitos casos, pode se tornar uma tentativa do sujeito em não sentir e não entrar em contato com conteúdos psíquicos desagradáveis. Nessa tentativa, o sujeito reduz a quantidade de investimentos em si, levando a um estado de auto anulação e regressão que pode ser atribuído ao trabalho silencioso da Pulsão de Morte (Green, 1988a).

Aspectos Fundamentais da Psicanálise e o conceito de Pulsão de Morte

A psicanálise, concepção teórica elaborada e desenvolvida inicialmente por Sigmund Freud, possui inúmeros pressupostos. Um dos pilares teóricos é o conceito de aparelho psíquico, o qual possui três níveis de organização: estrutural, dinâmica e econômica. Na primeira tópica, este aparelho também possui três instâncias: inconsciente, pré-consciente e consciente; na segunda tópica, três níveis funcionais: id, ego e superego. Com relação a essa segunda tópica, é no id que se encontram as demandas pulsionais e sexuais. Neste espaço, o ego tem a função de integração entre o mundo interno e externo e o superego é a lei, o sistema normativo vindo da realidade social (Levisky, 1998).

Nesta perspectiva teórica, o sujeito está sempre em busca da reexperimentação de suas primeiras vivências de prazer, inscritas em seu inconsciente ainda na infância. Neste momento, dá-se uma característica do funcionamento inconsciente: a compulsão à repetição. Se tratando de uso de substâncias, o dependente químico é levado à repetição do ato de consumir esta droga, de forma a procurar por essa reexperimentação (de prazer) e aliviar sua angústia (desprazer) (Serretti, 2012).

Freud, na obra “Além do princípio do prazer” (1920), realiza uma mudança na teoria das pulsões, para dar conta dos fenômenos psíquicos existentes que fugiam à explicação do princípio do prazer, como o caso de neuróticos que, em seus sonhos, revivem situações traumáticas e desprazerosas. Antes, as pulsões eram definidas em pulsões de auto conservação e pulsões sexuais.

Fulgencio (2012) afirma que a partir da obra supracitada, Freud reúne as pulsões de auto conservação e as sexuais sob o conceito de pulsão de vida e apresenta a elaboração do conceito de pulsão de morte — que é a tentativa, realizada pelo sujeito, de retorno ao inorgânico, o nível psíquico mais baixo de excitação. Nas palavras de Freud, “trata-se de

instintos componentes cuja função é garantir que o organismo seguirá seu próprio caminho para a morte” (Freud, 1920/1996, p. 50).

Na teoria psicanalítica, a pulsão aparece como responsável pelo humano, ou seja, é o que se torna, quando passa a ter seus quatro componentes: fonte, pressão, finalidade e objeto. Considerando-se que os últimos dois componentes são mutáveis e substituíveis, através do deslocamento e condensação, pode-se conceber a ideia de que, através do existir do objeto, e da falta do mesmo, que a pulsão de faz presente (Green, 1990).

O objetivo de Freud, segundo Fulgencio (2012) com a elaboração deste conceito, intenciona explicar a origem da compulsão à repetição, movimento no qual os pacientes neuróticos repetiam situações traumáticas que lhes eram dolorosas e fonte de profundo sofrimento. Estas manifestações de situações desprazerosas “apresentam em alto grau um caráter instintual, e, quando atuam em oposição ao princípio do prazer, dão a aparência de alguma força “demoníaca em ação” (Freud, 1920/1996, p. 46). Se, por um lado, há pulsões que dirigem o sujeito para o seu fim o quão mais rápido possível, por outro, quando o sujeito se encontra próximo desse momento, outras pulsões o detêm e procuram prolongar sua vida o máximo (Freud, 1920/1996).

Ao mesmo tempo em que o consumo de substâncias satisfaz à pulsão de vida por trazer sensações prazerosas ao sujeito, o consumo abusivo de drogas e a dependência química trazem inúmeras consequências negativas e danosas que, mesmo tendo conhecimento sobre, o sujeito não pode evitar o uso. Pode-se supor que o uso abusivo de drogas e a dependência química, servem também à pulsão de morte. Estas duas forças encontram-se, geralmente, de forma intrincada (Green, 1990).

A ligação entre a pulsão e o objeto é realizada pela “função objetalizante”, concepção teórica elaborada por André Green, sendo que, essa função tem como objetivo conectar a pulsão de amor ao objeto, assegurando então o papel da pulsão de vida. Quando se passa a falar de pulsão de morte, há o conceito inverso de “função desobjetalizante”, que tem o objetivo de garantir o desligamento entre a pulsão e o objeto. Significa, então, que a pulsão de morte se faz presente sempre que o sujeito se desvincula de algo, quando seu objeto torna-se anônimo e não mais fonte de investimento (Green, 1990).

Embora tendo sido elaborado pelo pai da psicanálise, este não apresenta consenso total entre os psicanalistas e estudiosos da área. Para Winnicott (em Fulgencio, 2012), o conceito de pulsão de morte foi erroneamente elaborado para explicar a união de dois fatos: a compulsão à repetição e a agressividade. Green (1988b) também considera que a dificuldade em atribuir à função da pulsão de morte a mesma exatidão das pulsões sexuais.

Em relação às pulsões de vida, o autor contribui para um estranhamento e alimenta o debate acerca do conceito que foi adicionado tardiamente na obra Freudiana.

Torna-se pertinente salientar que “nenhum argumento clínico constitui prova em favor da pulsão de morte, pois todo quadro clínico é suscetível de interpretações diversas e não poderia ser uma expressão direta do funcionamento pulsional” embora possa-se pensar em uma possível relação entre a pulsão de morte e a pulsão sexual, expressada através do sadomasoquismo (Green, 1988b, p. 58).

Partindo de um ponto de vista estrutural, conforme Serretti (2012) o retorno a fases anteriores remete à posição narcisista primária. Nesta posição, o sujeito ainda se encontra em fusão com a mãe, sem delimitação de seu Eu. Foi nessa condição que ocorreu a primeira experiência de prazer e é esta condição que o sujeito tenta reencenar. No entanto, encontra-se outro conceito, o de narcisismo primário *absoluto* — elaborado por André Green (1988a). No narcisismo primário absoluto, o sujeito faz mais que se voltar apenas para si, ele atua de forma a reduzir os investimentos no Eu a nível zero, ou seja, anulação de si.

Os conceitos de pulsão de morte e narcisismo primário absoluto, podem conversar entre si na medida em que compartilham da mesma noção de retorno ao inorgânico, ao ponto zero. Esta noção é também encontrada em outro conceito, também elaborado por Green (1988a), que postula que narcisismo tem uma função ambígua: ao mesmo tempo que simboliza o investimento no Eu unitário, também apresenta um aspecto *negativo*, “todo investimento traz nas suas dobras o desinvestimento que é sua sombra projetada para trás” (Green, 1988a, p.49). “Quando o “princípio do prazer” significa redução absoluta das tensões, diz que “está a serviço da pulsão de morte” (Laplanche, 1988, p. 21).

Já para Alencar (2016) a relação entre a dependência química e os estados melancólicos do sujeito, pode ser compreendida uma vez que o consumo de substâncias agiria como uma agressão direcionada ao próprio corpo, diante da dificuldade de elaboração de uma perda, um não-ter. Especialmente na adolescência, esta melancolia relaciona-se à vivência de solidão do sujeito, o objeto é presente, mas ao mesmo tempo, para sempre perdido (Cardoso, 2014).

Como descrito por Vianna (2014), torna-se necessário evidenciar que, na dependência química, não é apenas a questão orgânica que entra em pauta, se assim fosse, o tratamento de desintoxicação seria suficiente para a cura do sujeito. No entanto, no que tange às drogas, há um componente importante: a qualidade do uso da substância em tornar-se uma via para que o sujeito alivie sua angústia. Este aspecto psíquico pode explicar, por exemplo, as recaídas do sujeito que ocorrem após anos de total abstinência. Por isso, neste

trabalho, utiliza-se da teoria psicanalítica para melhor compreender e explicar os aspectos psíquicos que rondam a relação entre o sujeito e o consumo de drogas.

A partir do que foi apresentado, pode-se pensar em algumas possíveis relações entre estes conceitos psicanalíticos propostos acima e a dependência química, especificamente, a dependência química em adolescentes. Estas articulações poderão contribuir de forma a pensar o funcionamento psíquico do adolescente dependente químico em diferentes níveis, assim como, pensar na teoria psicanalítica enquanto enfoque teórico de compreensão das mais diversas situações que se apresentem na sociedade atual.

MÉTODO

Delineamento

O método, segundo Gil (2002) é definido como o percurso que o pesquisador utiliza para realizar seu projeto. É um procedimento científico, sistemático e racional que reúne todos os processos que se darão ao decorrer do trabalho a ser realizado. O método, então, “indica regras, propõe um procedimento que orienta a pesquisa e auxilia a realizá-la com eficácia.” (Laville & Dionne, 1999, p.11).

Portanto, para a realização deste projeto de trabalho de conclusão de curso, foi utilizada a pesquisa qualitativa de caráter exploratório e interpretativo. A pesquisa qualitativa analisa o entendimento e avalia nuances de conteúdo e sentido dos sujeitos a respeito de um tema específico segundo Laville e Dionne (1999). A pesquisa de caráter interpretativo considera que o homem difere-se dos objetos por suas características de mutabilidade, e é importante que a metodologia considere e aponte estas diferenças (Guerra, 2014).

A respeito da pesquisa bibliográfica, tem-se que esta é desenvolvida a partir de um conteúdo já elaborado, do qual fazem parte, principalmente, livros e publicações científicas. Já sobre as fontes, estas compreendem publicações periódicas, livros de literatura corrente, livros de referência, entre outros materiais, sendo que a busca por informações em diferentes fontes proporciona melhor explanação a respeito do problema de pesquisa (Gil, 2002).

Ainda de acordo com Gil (2002), a pesquisa exploratória tem como um de seus objetivos, melhor desenvolver o aprimoramento de ideias e se refere ao processo de familiarização do conteúdo tencionado, permitindo então, a realização de um entendimento que permita ao pesquisador propor possíveis hipóteses.

Fontes

O artefato cultural que se tornou fonte de análise foi o filme estadunidense “Diário de um Adolescente” (título original: *The Basketball Diaries*) de 1995. O filme traz a história de Jim Carroll, um adolescente que cursa o ensino médio e é jogador de basquete, tendo o sonho de jogar profissionalmente em grandes times. Inicialmente, Jim era o responsável por conseguir drogas para seus amigos, mas após um período, passa também a ser consumidor. Enquanto em seu vício, Jim comete roubos, assaltos e também se prostitui

nas ruas de *Nova York*, até que é ajudado por conhecido antigo. Após passar meses preso pelos diversos crimes que cometeu, Jim é libertado da prisão e consegue manter-se sóbrio (Heller, Manulis & Kalvert, 1995).

Instrumentos

A partir da definição do artefato “Diário de um Adolescente” e de uma breve apresentação sobre o mesmo, foram escolhidas cenas do filme que melhor retratam a dependência química e a psicodinâmica do adolescente envolvido nestes contextos. Para a organização destas informações, realizou-se a elaboração de uma tabela, que conta com a descrição da cena e as principais falas dos protagonistas do filme. Os recortes dos conteúdos ajudam o pesquisador a visualizar e reunir os aspectos fundamentais e importantes da obra, de forma a facilitar seu emparelhamento com a revisão de literatura (Laville & Dionne, 1999).

Procedimentos

Após a definição do artefato cultural (Diário de um Adolescente), o filme foi assistido e se realizou uma seleção das cenas que melhor se adequaram aos objetivos da pesquisadora. Foi utilizada uma tabela para catalogação das cenas do filme analisadas, de modo a facilitar a disposição dos dados que foram analisados e possibilitar a conexão deste material com a revisão de literatura. A categorização dessas cenas foi realizada *a posteriori*, por opção da pesquisadora deste trabalho, a partir da análise de conteúdo proposta por Laville e Dione (1999).

Portanto, foram consultados livros disponíveis na Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul e acervo pessoal da pesquisadora, além de artigos encontrados nas bases de dados *Scielo* e *Bvs-psi*, todos sobre o tema anteriormente referido. Para pesquisa nas bases de dados, foram utilizados descritores como “adolescência”, “dependência química” e “psicanálise”.

Referencial de Análise

O referencial estabelecido foi o de Análise de Conteúdo, no qual, proporciona-se ao pesquisador a oportunidade de estudar minuciosamente seu conteúdo, desconstruindo, analisando, comparando e procurando o sentido do que foi dito. A partir disto, foram delimitadas as categorias de análise, que foram definidas a partir de um modelo aberto e

constituídas *a posteriori*. A discussão dessas categorias toma forma após a realização da técnica de emparelhamento, definida como a associação entre os dados coletados com uma concepção teórica, apresentada com a finalidade de relacioná-los (Laville & Dione, 1999).

RESULTADOS

Tabela 1. Categorias e recortes cenográficos

Categorias de Análise	Descrição de Cenas
1. Do uso ao abuso (início)	A. Uso de drogas em grupo, fuga da escola
	<p>Nesta cena, Jim é agredido fisicamente pelo padre/professor em frente a toda a turma, através de palmadas. Enquanto era agredido, podia ver que alguns de seus colegas riam dele, isso desperta sentimento de indignação e ódio por parte de Jim. Seus amigos, vendo a situação, decidem tirá-lo daquele ambiente. Então, ele, Mickey, Pedro e Neutron fogem da escola, durante o horário de aula, para irem ao píer da cidade. Lá, eles usam uma substância que é molhada em um pano e depois, o/a cheiram, ficando visivelmente entorpecidos pelo uso.</p>
	B. Uso de cocaína - relação sexual e poesia
<p>Neutron leva Jim para conhecer uma garota com a qual ele está ficando e apresenta Jim para a irmã dela, Blinkie. Blinkie oferece cocaína para Jim, dizendo a ele que vai aumentar seu desempenho e então ele usa a droga. Após este momento, Jim faz novamente uso de cocaína durante a noite, enquanto escreve em seu caderno de poesia, passando a noite inteira acordado. A partir disto, o personagem passa a consumir maiores quantidades de cocaína, para continuar escrevendo.</p>	
C. O início do abuso	<p>Logo após passar mal depois do uso da heroína, Jim começa a relatar o início do consumo de drogas e de como, pouco a pouco, foi-se instalando o vício: “Primeiro, é um lance de sábado à noite... você fica legal como um gângster ou um grande astro do rock. É uma coisa pra matar o tédio, entende? Chamam isso de geral, um pequeno hábito. Você se sente tão bem que começa a fazer nas terças, nas quintas... e pega você. Todo cara que eu conheço diz que não vai acontecer com ele. Mas acontece.” (sic)</p>
2. Prazer relacionado à destruição	D. Uso de heroína
	<p>Na cena, Jim relata que foi no porão da casa de Pedro, onde havia diversas pessoas usando drogas. Jim diz que ia apenas usar cocaína, mas um sujeito lhe ofereceu heroína e outro ofereceu a seringa. Mesmo tendo medo de agulhas, Jim compartilhou a seringa e injetou a droga. A seguir, ele aparece correndo em um campo florido, numa cena que representa o êxtase do uso de heroína: “Foi como uma grande onda de calor passando pelo meu corpo. Desapareceu todo o sentimento de dor, mágoa, tristeza ou culpa que eu poderia ter.” (sic)</p>

E. Roubo de carro

Jim, Pedro e Mickey arrombam e roubam um carro estacionado na rua, com o intuito de levá-lo para o irmão de Mickey e conseguir 1.500,00 dólares com isso. No caminho, os adolescentes fazem uso de droga dentro do carro, enquanto dirigem, subindo com o carro pela calçada e quase o batendo diversas vezes. “A gente só precisa arranjar grana suficiente pra ficar com a cabeça legal” (sic).

F. Alucinação

Sob o efeito de heroína, Jim entra em um delírio onde está totalmente vestido de preto e caminha pelos corredores de sua escola. Ao abrir a porta de sua sala com o pé, ele saca uma arma e atira nos colegas que não gosta, os mesmos que riram enquanto ele apanhava, no início do filme. Enquanto Jim atira nos colegas, Pedro, Mickey e Neutron comemoram e o incentivam. Ao chegar na frente do padre, Jim o cerca e grita, e então a alucinação acaba.

“Você quer parar. De verdade. Mas é como um sonho, e não se pode parar sonhos. Eles se movem em pedaços malucos, pra onde querem ir e de repente...você é capaz de qualquer coisa” (sic).

3. Dificuldades de Enfrentamento de Perdas

G. Perda do amigo e consequente uso de drogas após velório

Os quatro amigos comparecem ao velório de Bob, e Jim diz ter sido a primeira vez que ele viu, de fato, a morte. Ao sair do velório, os quatro fazem uso de bebida alcoólica e cigarros juntos, enquanto Mickey, Neutron e Pedro conversam sobre as memórias que tinham com Bob. Jim se isola e consome bebida alcoólica sozinho, alheio aos outros. Logo após, junta-se aos amigos para jogarem uma partida de basquete, em homenagem ao amigo falecido.

4. Consequências Prejudiciais do Abuso

H. Mãe expulsa Jim de casa

Ao chegar em casa com a notícia de que havia sido expulso do time de basquete e da escola, Jim e sua mãe tem uma séria discussão. No calor do momento e cansada do jeito de Jim, ela o expulsa de casa, e então, ele vai viver nas ruas, junto a Mickey e Pedro.

I. Pedro é preso durante assalto

Enquanto no uso de substâncias, Jim, Pedro e Mickey realizam um assalto a uma lancheria, no intuito de levarem o dinheiro. No entanto, Jim e Pedro começam a roubar doces. Pedro então, distrai-se consumindo sorvetes e cerejas. Quando os policiais chegam, Mickey e Jim saem correndo, não conseguindo ajudar Pedro, que é preso pela polícia.

J. Prostituição

Ao sair da casa de seu amigo Reggie, Jim encontra-se em fissura. Então, encontra um senhor e prostitui-se no banheiro do metrô, em troca de 35,00 dólares. Durante a realização do ato, Jim tem alucinações visuais, vendo seu ex-técnico de basquete que já tentou assediá-lo, Swifty, o observando e rindo dele. Jim fica visivelmente impactado pelo momento.

K. Mãe chama a polícia para Jim

Quando se vê sem saída, Jim volta a procurar por sua mãe, pedindo dinheiro a ela para que possa fugir da cidade, pois quando Mickey matou o traficante, jogando-o do telhado, Jim estava junto. Ela diz que não pode ajudá-lo, pois não tem dinheiro e Jim começa a ficar violento. A mãe, com medo, chama a polícia, que vem e captura o próprio filho.

DISCUSSÃO

Inicia-se essa discussão, tecendo possíveis entendimentos sobre o consumo de drogas pelos adolescentes, desde sua experimentação, passando pelo uso recreativo, abuso e, enfim, o quadro consolidado de dependência química. Nas cenas descritas anteriormente pode-se perceber o desenvolvimento deste processo, tanto quando se olha para o personagem principal, Jim, quanto para seus amigos.

O adolescente pode vivenciar constantemente momentos de crise, que podem se relacionar à busca de sua identidade e personalidade próprias, à relação com seus pares e, principalmente, ao convívio ambíguo entre seus aspectos já desenvolvidos e seus conteúdos que ainda remetem à fase infantil, de acordo com Aberastury e Knobel (1992). Este período também se torna fonte de sofrimento, pois o adolescente torna-se alvo das projeções advindas da unidade familiar e também da sociedade em geral (Levisky, 1998).

De acordo com Tavares, Béria e Lima (2001), o primeiro contato com substâncias psicoativas acontece geralmente na adolescência, caracterizando-se como período de experimentação, tanto de si mesmo, quanto da droga. Nas cenas selecionadas para discussão, pode-se perceber o desenrolar inicial da história dos personagens, e pode-se pensar em hipóteses de porque o envolvimento com drogas torna-se interessante e desejante.

Aberastury e Knobel (1992) consideram que na adolescência é esperado que o sujeito encontre no convívio com seus pares, o apoio e a compreensão que necessitam para o momento. Na primeira categoria, definida como “Do uso ao abuso (início)”, o recorte A mostra Jim sendo espancado pelo padre/professor, momento em que é exposto a uma humilhação na frente de seus amigos e colegas. Após tocar o sinal para o recreio, os amigos de Jim vão até ele e juntos decidem ir para outro lugar. Pode-se pensar que Jim encontra na relação com seus amigos, a compreensão que não encontra na relação com seu professor.

Na cena descrita acima, pode-se conceber que a relação do personagem com a droga pode ser pensada, também, como uma forma de amortecer as situações negativas que enfrenta, pois a decisão de ir ao píer da cidade, para consumir drogas, acontece após uma situação que deixa Jim visivelmente irritado e angustiado. Relaciona-se os acontecimentos desta cena à possibilidade, fornecida pela substância, de atenuar sentimentos vistos como negativos e promover um desligamento com a realidade (Vianna, 2014).

A situação apresentada no recorte A, pode estar relacionada ao recorte B, visto que retrata com detalhes o primeiro contato de Jim com a cocaína. Nesta cena, ele e seu amigo

Neutron vão à casa de duas meninas. Enquanto trocam beijos, uma das garotas, Blinkie, oferece cocaína a Jim, argumentando que ele teria um desempenho muito acima do normal durante a relação sexual e se sentiria ótimo caso usasse.

Esta é a primeira cena na qual aparece o primeiro contato do personagem Jim com uma substância. Percebe-se a evitação de Jim, aparentando estar receoso com a presença de Blinkie e, então, ela oferece a ele cocaína e ele aceita. Pode-se cogitar, em um primeiro instante, a insegurança do garoto com relação à antecipação do ato sexual. Esta insegurança diante do próprio corpo e da experimentação do mesmo é associado à reedição da conflitiva edipiana, que, de acordo com Levisky (1998), ocorre geralmente na adolescência e dá vazão ao processo de descobrimento do próprio corpo e de suas possibilidades. No recorte, ao mesmo tempo em que se pode identificar que aparenta certa insegurança, há também a disposição de experimentação de novas situações, tanto da droga como do ato sexual em si. Esse aspecto vai ao encontro à ideia descrita por Aberastury e Knobel (1992), a respeito da constante flutuação adolescente entre aspectos adultos e infantis de sua personalidade, levando a momentos de instabilidade.

Com relação ao primeiro contato com a cocaína, é possível considerar que, para Jim, está se torna relacionada a momentos de intenso prazer, tanto pela sensação da substância, quanto pela associação com o ato sexual e pelo fato de que esta ação proporciona ao personagem, a oportunidade de dar vazão ao seu potencial criativo. Um dos *hobbies* de Jim vistos ao longo do filme é o hábito de escrever, e de sempre andar junto ao seu caderno de poemas. Quando passa a consumir substâncias mais frequentemente, o personagem passa a escrever mais sobre sua vida e as experiências que está vivenciando. Lentamente, o personagem passa a fazer uso recreativo da droga, definição esta que é caracterizada pelo uso de substâncias em situações de lazer ou sociais, sem que ocorram prejuízos para o sujeito (Silveira & Doering-Silveira, 2016).

Aos poucos, o consumo de cocaína e de outros tipos de droga aumenta, e este aspecto, apresenta-se o recorte C. Na cena citada, Jim comenta a evolução de seu quadro, que parte do consumo inicial até a consolidação da dependência química. Na cena, o personagem relata: “Primeiro, é um lance de sábado à noite... você fica legal como um *gângster* ou um grande astro do *rock*. É uma coisa pra matar o tédio, entende? Chamam isso de geral, um pequeno hábito. Você se sente tão bem que começa a fazer nas terças, nas quintas... e pega você. Todo cara que eu conheço diz que não vai acontecer com ele. Mas acontece” (sic). Esse monólogo pode estar retratando a passagem do consumo recreativo de drogas para uma situação de abuso, e segundo Silveira e Doering-Silveira (2016), é nesse momento em que o sujeito passa a ter consequências prejudiciais em mais de um

aspecto de sua vida. Dentre as consequências, pode-se pensar no âmbito familiar. Jim passa a ter conflitos com sua mãe, discutindo com ela frequentemente. No que diz respeito à vida escolar, o personagem passa a consumir drogas dentro das dependências da escola, prejudicando seu desempenho no time de basquete, sendo está, uma situação que se agrava mais tarde, quando é expulso do time e opta por desistir de frequentar o colégio.

Neste recorte, também é exibido a primeira cena em que Jim e seus amigos passam a cometer crimes para custear seu uso de drogas, como o assalto a uma idosa, enquanto essa andava na rua à noite. Além disto, eles também passam a realizar pequenos furtos e irregularidades. Pode-se associar este ato à consolidação do quadro de consumo abusivo de drogas, visto que, de acordo com o que é trazido por Papalia e Feldman (2013), o uso de drogas dá margem ao aparecimento de outros comportamentos de risco, como a incidência de situações envolvidas com criminalidade. Portanto, destaca-se que consumo abusivo de substâncias, pode levar a um caráter destrutivo. Ao longo do filme, pode-se compreender que este caráter destrutivo, torna-se um dos aspectos principais da evolução do consumo abusivo para o quadro de dependência química. Não existe, para Jim e seus amigos, um limite no uso de drogas e estas passam a ocupar um lugar de destaque na vida dos personagens, evidenciando que o vício está instaurado.

A partir deste caráter destrutivo, discute-se a segunda categoria, intitulada “Prazer relacionado à Destruição”. Nesta, são abordados os comportamentos de risco associados ao consumo abusivo de drogas, uma vez que os personagens do filme caminham em direção à dependência química e às suas consequências. Os aspectos contemplados pela cena D, no qual é retratada a primeira experiência de Jim com a heroína, podem estar relacionados ao consumo abusivo de drogas, obedecendo ao princípio do prazer. No recorte, é possível pensar que a vivência proporciona ao personagem extremo prazer, sensação intensa de entorpecimento e anestesia. Este aspecto pode ser relacionado à Freud (1930/2010), podendo-se pensar que o sujeito está sempre em busca da reexperimentação das primeiras experiências, visando prolongar a sensação de satisfação e evitar a experimentação do desprazer.

A busca do prazer, para Santos e Pratta (2012) é inerente ao psiquismo e se relaciona com a pulsão de vida, visto que, através da compulsão à repetição, o sujeito atende à demanda pulsional que lhe exige, cada vez mais, esta sensação de diminuir seu sofrimento psíquico e aproximar-se da sensação de anestesia mental. Esse sentimento pode ser percebido a partir da frase dita por Jim, que descreve seu uso “*Foi como uma grande onda de calor passando pelo meu corpo. Desapareceu todo o sentimento de dor, mágoa, tristeza ou culpa que eu poderia ter*” (sic).

Outro fator apresentado na cena é a influência das pessoas e dos grupos, que, de acordo com Papalia e Feldman (2013), acontece frequentemente na adolescência, principalmente devido a presença de um funcionamento emocional imaturo, que predispõe o indivíduo à sugestibilidade advinda de seus grupos e pares. Na cena retratada, Jim é induzido ao uso de heroína por dois adultos, que descrevem verbalmente os efeitos maravilhosos que a droga proporcionaria para ele e então, mesmo com medo de agulhas, Jim cede à pressão, arriscando-se.

No que tange ao compartilhamento de agulhas com desconhecidos, pode-se considerar que Jim estaria demonstrando um descuido relacionado a um aspecto destrutivo, pois não parece problematizar o uso da agulha e seus possíveis riscos à saúde, como possíveis contaminações por doenças infecciosas que poderiam debilitá-lo gravemente. Estes aspectos envoltos da destrutividade, de forma silenciosa, podem ser relacionados com o conceito de pulsão de morte, elaborado por Freud e introduzido na teoria psicanalítica, principalmente a partir da obra *Além do Princípio do Prazer*, de 1920.

Conforme Fulgencio (2012) a pulsão de morte apresenta-se como oposto complementar da pulsão de vida, e define-se como a tentativa do sujeito em retornar a níveis psíquicos de baixa excitação, ou seja, é um ensaio que o sujeito realiza para que ocorra sua auto anulação, a não existência de si mesmo. Embora o conceito tenha sido elaborado por Freud, não há consenso entre os psicanalistas e estudiosos a respeito de sua aplicabilidade, pois ao contrário da pulsão de vida, torna-se difícil a identificação de suas manifestações, devido ao seu caráter silencioso e sorrateiro (Green, 1988b).

Sendo assim, a pulsão de morte está ligada a um desligamento, aspecto trazido por Green (1990) como função desobjetalizante, que se refere à desconexão realizada entre a pulsão e o objeto. Pode-se pensar, então, que a pulsão de morte encontra sua possível manifestação na desvinculação, quando o objeto passa a não ser mais fonte de investimento para o sujeito.

Com relação à cena E, torna-se possível pensar que o abuso das drogas atinge um outro estágio, momento em que os personagens passam a cometer crimes para custear seu consumo de drogas. No recorte anteriormente citado, Jim e seus amigos roubam um carro que está estacionado na rua e o levam para o irmão de Mickey revender. Quando pensam no valor que irão ganhar, manifestam que este será usado para que eles possam comprar mais droga: “A gente só precisa arranjar grana suficiente pra ficar com a cabeça legal” (sic). Relaciona-se esta cena ao conteúdo trazido em material elaborado pela OMS (2004), no qual abordam a respeito dos problemas sociais que se originam a partir do abuso de

drogas, sem falar no potencial de dano que passa a existir no momento em que este uso é considerado, de fato, um abuso.

No momento em que os adolescentes fazem uso de substâncias dentro do carro, enquanto dirigem, pode-se pensar que há o encontro das duas pulsões. É ao mesmo tempo uma situação prazerosa, no que diz respeito ao consumo da droga e a sensação de entorpecimento - servindo aos interesses do princípio do prazer e manifestando a pulsão de vida. Porém, enquanto na direção do veículo, os adolescentes quase se acidentam, subindo a calçada e chegando perto de bater o automóvel diversas vezes. Neste acontecimento, pode-se pensar que os comportamentos de risco estariam mais relacionados à pulsão de morte, pois é identificado um aspecto destrutivo da ação. No entanto, a diferenciação completa do que é pulsão de vida e do que é pulsão de morte não é facilmente realizada, pois, de acordo com Green (1990), estas duas forças encontram-se geralmente emaranhadas.

Este mesmo aspecto da presença das duas pulsões agindo concomitantemente é possível de ser percebido quando se leva em conta os conteúdos explanados pela cena F. Este recorte retrata Jim em uma banheira, fazendo uso de heroína. Ele então tem uma alucinação em que entra em sua escola vestido todo de preto e desfere tiros contra os colegas que tem desavença, também ameaçando o professor/padre que o puniu e que frequentemente o trata mal. Enquanto isso, Jim fala sobre o momento: “Você quer parar. De verdade, mas é como um sonho, e não se pode parar sonhos. Eles se movem em pedaços malucos, pra onde querem ir e de repente... você é capaz de qualquer coisa” (sic).

Os conteúdos presentes na frase de Jim, podem ser relacionados com o conceito de compulsão à repetição, que, de acordo com Fulgencio (2012), refere-se ao movimento pelo qual o sujeito repete situações que lhes são prazerosas ou dolorosas, de forma a diminuir o nível de tensão presente no psiquismo. Desta forma, pode-se pensar que a repetição do consumo da heroína seria, para Jim, um meio de aliviar as dificuldades que fazem parte de sua vida.

Refletindo a respeito da auto destrutividade, presente no consumo desenfreado de substâncias e nos demais aspectos que envolvem o consumo em si, pode-se compreender que Jim passa a concentrar toda sua energia em se manter no abuso de drogas, não conseguindo olhar para outros sentidos. É possível relacionar este aspecto com a teoria de Green (1988a), a respeito do narcisismo primário absoluto, no qual o sujeito volta-se para si, ao ponto de regredir a fases anteriores e anular-se, reduzindo inclusive os investimentos em si mesmo, podendo ser articulado, então, à expressão da pulsão de morte.

Ainda relacionado as pulsões e suas formas de expressão, discute-se a terceira categoria deste trabalho, que é “Dificuldades de Enfrentamento de Perdas”, e sua cena, definida como o recorte G. Esta cena pode ser considerada como um marco na história apresentada no filme, uma vez que é a partir deste momento, que o consumo de drogas pode ter um outro significado para Jim. Na cena, seu amigo de longa data vem a falecer, algo que impacta Jim profundamente. No velório, os personagens vão se despedir do ente querido e, em seguida, se deslocam para uma quadra. Neste local eles bebem, fumam e jogam basquete. Este acontecimento era algo recorrente, e que os unia, afinal o amigo falecido era colega no time de basquete da escola.

Pode-se pensar que novamente as pulsões encontram-se intrincadas, as quais, segundo Freud (1930/2010) ao mesmo tempo em que há o desejo de fuga e de evitação de desprazer, como objetivo do uso de drogas. No entanto, no que tange à pulsão de vida, pode-se pensar que nesta ocasião ela encontra uma de suas possíveis manifestações, relacionadas à função objetualizante - aspecto da pulsão de vida que realiza a ligação entre a pulsão e o objeto, estabelecendo o vínculo. No momento em que os personagens se juntam para conversar sobre Bob e suas percepções e sentimentos a respeito, torna-se possível pensar que esta foi uma situação de ligação e de troca entre todos, pois houve a necessidade dos personagens de elaboração e de aproximação com o acontecido. Na cena, os personagens inclusive escolhem se reunirem para esta conversa em um lugar com grande simbolismo e conhecimento do grupo, sendo ele, a quadra de basquete. Aberastury e Knobel (1992) enfatizam sobre a unidade grupal e de que, em muitos momentos na adolescência, o sujeito encontrará a compreensão e o apoio que necessita entre seus pares. Ao se relacionar este conceito com este recorte do filme, pode-se compreender que nesta cena, é o que parece acontecer com o grupo de adolescentes, ou seja, entre Jim, Mickey, Pedro e Neutron.

Ao longo da quarta e última categoria, definida como “Consequências prejudiciais do abuso”, explora-se estes aspectos destrutivos e a consolidação de Jim em um quadro de dependência química. Nesta categoria, aborda-se, de forma mais ampla, as consequências do abuso de drogas pelos personagens, assim como os prejuízos acarretados e os aspectos autodestrutivos presentes, principalmente em Jim.

O recorte H, desta categoria, relata o momento em que Jim é expulso de casa, após discutir seriamente com sua mãe. Na cena, Jim havia sido recentemente expulso da escola e, conseqüentemente, do time de basquete. A mãe o questiona diversas vezes sobre o consumo de substâncias, porém Jim é evasivo e agressivo verbalmente com ela. Então, em uma discussão acirrada, a mãe o expulsa de casa e ele vai viver nas ruas junto com Mickey

e Pedro. É possível observar que um dos primeiros prejuízos decorrentes do abuso da droga é a relação de Jim com sua mãe, que foi, pouco a pouco, se desgastando e chegando ao ponto de ruptura. Embora Jim tivesse todo o apoio financeiro de sua mãe, questiona-se a qualidade do relacionamento afetivo que se estabeleceu entre os dois personagens ao longo de sua narrativa familiar. Pode-se relacionar esta situação a fragilidade egóica, como sendo uma das principais características do sujeito adolescente e, quando aliada a um ambiente hostil e desencorajador, pode resultar no desenvolvimento de alguma patologia neste ser (Kalina (2001); Aberastury & Knobel, 1992).

Além disto, como citado por com Toscano Jr. (2001), alguns fatores familiares podem servir como influenciadores para o desenvolvimento da dependência química, como um ambiente pouco afetivo, no qual há a escassez de normas e regras bem delimitadas. Como o filme não apresenta muitas cenas que expliquem com clareza o relacionamento entre Jim e sua mãe, questiona-se apenas se ele conseguiu ter o mínimo de afeto necessário durante o seu desenvolvimento.

No recorte I, é descrita a cena em que Pedro é preso, enquanto ele, Jim e Mickey tentam roubar uma lanchonete. Quando os policiais chegam, Mickey e Jim tentam levar Pedro consigo para fugirem, porém, algo errado ocorre, ele não ouve os amigos e acaba preso. Aqui, remetendo-se à revisão teórica, pode-se pensar, novamente, nas consequências negativas da dependência química, como a tendência de envolver-se em atividades ilícitas para o sustento do vício. A partir do momento em que ocorre a identificação destas consequências negativas, pode-se relacioná-las com os aspectos de destrutividade, que se referem às pulsões existentes que dirigem o sujeito à sua destruição o mais rápido quanto possível (Papalia & Feldman, 2013; Ministério da Saúde, 2003; Freud, 1920/1996).

Ademais, a cena J retrata o momento do filme em que Jim, em uma crise de abstinência, recorre à prostituição como forma de conseguir dinheiro para voltar ao uso de entorpecentes. Durante o momento, Jim alucina que seu ex-técnico de basquete, Swifty, o observa constantemente. Esta alucinação pode estar relacionada ao que acontece no início do filme, quando Swifty realizou investidas para com Jim, oferecendo dinheiro a ele para que eles tivessem relações.

Neste instante, Jim vivência novamente a experiência de tentativa de abuso que teve com seu ex-técnico. Frente a isso, pode-se aludir que se trata de um conteúdo traumático para ele. Apresenta-se a compreensão de que em alguns momentos é possível pensar que ocorre um “desligamento”, talvez até de Jim com relação a si mesmo, com a entrada de vez no mundo das drogas e nas futuras consequências negativas ao longo das cenas. Entende-se como possível visualizar uma tendência autodestrutiva que se apresenta,

pois nem as consequências tidas como ruins, como por exemplo a expulsão da escola e do time ou o rompimento do relacionamento com sua mãe, tornaram-se motivo para a interrupção do abuso de substâncias. Este desligamento, anteriormente citado, pode ser articulado ao conceito de pulsão de morte, visto que está relacionada à função desobjetalizante, que é a desconexão entre a pulsão e o objeto, o desvincular-se de algo, de alguém ou até, de si mesmo (Green, 1990). Este aspecto pode ser compreendido nesta cena, visto que o personagem passa a não ser mais fonte de investimento para si mesmo, regredindo à estados primitivos de existência, onde o prazer e a sensação de anestesia tornam-se o único foco de sua existência.

Além disso, outro conceito possível de ser entrelaçado é o de narcisismo primário absoluto, descrito por Green (1988a), o qual diz respeito à anulação do sujeito, na medida em que seu investimento no Eu primário se reduz ao nível do não investimento. Na cena referida, Jim passa a ver seu próprio corpo como objeto de troca, que está entre o dinheiro e seu objetivo principal, o de consumir drogas. Portanto, Jim parece reduzir-se e aproximar-se da não-existência, vendo-se apenas como meio para continuar realizando o abuso de drogas, em direção à sua autodestruição.

Em relação à última cena, denominada K, tem-se a volta do contato entre Jim e sua mãe. Ele, em busca de mais dinheiro para poder comprar drogas, recorre a ela, estando ainda sob efeitos da substância. A mãe, receosa de que ele poderia tornar-se violento, entra em contato e aciona a polícia, e estes levam Jim para delegacia. Com o passar dos anos, Jim é condenado a passar um tempo na prisão, local este, que o auxilia a livrar-se do uso de drogas, conseguindo ficar sóbrio e recuperar-se com sucesso.

Assim, entende-se como realizada uma possível discussão das categorias apresentadas, de forma que se considera ter contribuído para refletir acerca da temática a partir de uma fonte escolhida e a revisão teórica construída. Neste momento, pode-se refletir sobre a relação intrincada entre o desenvolvimento da dependência química como expressão dos aspectos destrutivos dos personagens, em especial, em Jim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo identificar possíveis contribuições da psicanálise na compreensão da dependência química relacionada à pulsão de morte, na adolescência. Para melhor compreensão a respeito desta condição e de como se estabelecem os aspectos pertinentes à pulsão de morte, foi construída uma revisão de literatura, sob o viés psicanalítico, que abordou a respeito dos processos envolvidos na adolescência, da evolução ocorrida entre a experimentação de substâncias e o quadro de dependência química, assim como aspectos teóricos acerca dos conceitos aqui trabalhados.

A fase “adolescência” constitui-se como período turbulento e sensível na vida da maioria dos sujeitos. A adolescência é um momento que pode tornar o indivíduo vulnerável a comportamentos de risco e, conseqüentemente, à manifestação de sintomas considerados patológicos. Visto isso, pode-se compreender a importância de abordar o tema da dependência química, já que este, representa um ponto de discussão intensa tanto para a Psicologia como para as demais áreas do conhecimento, em especial, para a área da saúde.

Tendo em vista as discussões realizadas em cada categoria, tornou-se possível entender um pouco mais acerca das várias relações entre a teoria, anteriormente comentada, com o artefato cultural explanado. Torna-se importante ressaltar que o entendimento aqui descrito é apenas uma versão das incontáveis outras possíveis compreensões que a teoria psicanalítica pode proporcionar à temática apresentada.

Deste modo, utilizando a técnica de emparelhamento teórico, pode-se perceber que o personagem Jim passa a expressar seus conteúdos autodestrutivos, relacionados à pulsão de morte, através do consumo de drogas, evoluindo para a dependência química. A percepção destes aspectos não se baseia somente no ato de uso da droga, mas expande-se para as conseqüências que esta apresenta para sua vida, sendo estes prejuízos detectados em diversas áreas de sua vida: família, amigos, escola, entre outros.

Para mais do que a relação com o conceito de pulsão de morte, também realizou-se a articulação com os demais aspectos abordados pela teoria das pulsões, assim como o conceito de narcisismo primário absoluto e de narcisismo negativo, que foram de grande auxílio para esta compreensão. Em virtude do modo silencioso característico da pulsão de morte, um dos desafios encontrados foi o de atribuir com clareza o papel desta dentro do contexto da dependência química, limitando esta exploração à elaboração de hipóteses. No entanto, pode-se pensar que a pulsão de morte encontra possíveis manifestações nas

ocasiões em que, além da satisfação pelo uso da substância, o sujeito encontra, naquele contexto, um caminho em direção à sua tendência autodestrutiva.

Durante este estudo, verificou-se a importância da clínica psicanalítica na contribuição do entendimento acerca da adolescência e de seus processos de adoecimento, sendo estes, a dependência química, uma das potenciais problemáticas. Esta patologia suscita, tanto no adolescente, quanto na unidade familiar e para a sociedade em geral, um tema cercado por ideias pré-concebidas e não necessariamente correspondentes à realidade.

Em função disso, é importante apresentar e discutir acerca de seu funcionamento e possíveis causas, geradoras de angústias e ansiedades, desmistificando a dependência química como atrelada simplesmente a aspectos de caráter do sujeito, devendo esta, ser reconhecida como patologia e este sujeito entendido como alguém que necessita de tratamento e acompanhamento.

A realização do Trabalho de Conclusão possibilitou à pesquisadora ampliar seu entendimento e compreensão sobre seus objetivos de pesquisa, inclusive, estendendo-se além destes. Destaca-se, também, a importância de o profissional psicólogo estar em contato com teorias que possam dar conta de casos que este identifica em sua prática, para que possa refletir e, então, resultar em intervenções mais assertivas com relação à situação em questão. Sugere-se a continuidade em pesquisas sobre essa temática, devido aos índices e implicações que a dependência química pode apresentar para o sujeito e para a sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

- Aberastury, A. & Knobel, M. (1992). *Adolescência Normal* (10ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Alencar, R. (2016). *A fome da alma: psicanálise, drogas e pulsão na modernidade*. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil.
- Cardoso, M. R. (2014). Dependência e adolescência: a recusa da diferença. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 17 (SPE), 63-74.
- Freud, S. (1905/1977). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (V. Ribeiro, Trad.). In J. Salomão (Ed.), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1920/1996). *Além do Princípio do prazer* (J. Salomão, Trad.). In J. Salomão (Ed.), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1930/2010). *O mal-estar na civilização e Outros Textos* (P. C. de Souza Trad.) In P. C. de Souza (Ed.), *Sigmund Freud: Obras completas volume 18*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Fulgencio, L. (2012). Críticas e alternativas de Winnicott ao conceito de pulsão de morte. *Ágora*, XV (SPE), 469-480.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (4ª ed.). São Paulo: Editora Atlas.
- Green, A. (1988a). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Editora Escuta.
- Green, A. (1988b). Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante. In: A. Green, P. Ikonen, J. Laplanche, E. Rechartdt, H. Segal & D. Widlöcher (Orgs.), *A pulsão de morte*, (pp.53-64). São Paulo: Escuta.
- Green, A. (1990). 3ª Conferência: O Trabalho do Negativo. In A. Green, *Conferências Brasileiras de André Green: Metapsicologia dos limites* (pp. 63-82). Rio de Janeiro: Imago.
- Guerra, E. L. A. (2014). *Manual de pesquisa qualitativa*. Belo Horizonte: Anima Educação.
- Heller, L., Manulis, J. B. (Produtores) & Kalvert, S. (Diretor). (1995). *Diário de um adolescente* [Filme]. Estados Unidos da América: New Line Cinema.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2015). Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. Rio de Janeiro: Coordenação de População e Indicadores Sociais. Acesso em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>
- Kalina, E. (1988). *Drogadição II*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora.

- Kalina, E. (2001). *Clínica e Terapêutica de Adicções*. Porto Alegre: Artmed.
- Laplanche, J. (1988). A Pulsão de Morte na Teoria. Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante. In: A. Green, P. Ikonen, J. Laplanche, E. Rechartd, H. Segal & D. Widlöcher (Orgs.), *A pulsão de morte*, (pp. 53-64). São Paulo: Escuta.
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.
- Levisky, D. L. (1998). *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lopes Júnior, O. P. & Costa, J. A. C. (2014). Drogas e o exercício da religiosidade e da cidadania: informe de pesquisa. *Revista Inter-Legere*, 15, 189–205.
- Marques, A. C. P. R. & Cruz, M. S. (2000). O adolescente e o uso de drogas. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 22(2), 32-36.
- Ministério da Saúde (2003). *A Política do Ministério da Saúde para atenção integral a usuários de álcool e outras drogas*. Brasília: Coordenação Nacional de DST/Aids. Acesso em: <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2015/marco/10/A-Politica-do-Minist-rio-da-Sa-de-para-Aten---o-Integral-ao-Usu-rio-de---lcool-e-Outras-Drogas--2003-.pdf>.
- Organização Mundial da Saúde (OMS). (2004). *Neurociência de consumo e dependência a substâncias psicoativas: resumo*. Geneva: World Health Organization. Acesso em: http://www.who.int/substance_abuse/publications/en/Neuroscience_P.pdf.
- Organização Mundial da Saúde (OMS). (2014). *Preventing suicide: a global imperative*. Geneva: World Health Organization. Acesso em: http://www.who.int/mental_health/suicide-prevention/world_report_2014/en/.
- Papalia, D. E. & Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: AMGH.
- Santos, M. A. & Pratta, E. M. M. (2012). Adolescência e uso de drogas à luz da psicanálise: sofrimento e êxtase na passagem. *Tempo psicanalítico*, 44(1), 167-182.
- Serretti, M. A. T. (2012). Toxicomania: um estudo psicanalítico. *Mosaico: Estudos em Psicologia*, 5(1), 46-60.
- Schenker, M. & Minayo, M. C. de S. (2004). A importância da família no tratamento do uso abusivo de drogas: uma revisão da literatura. *Cadernos de Saúde Pública*, 20(3), 649-659.
- Silva, P. R. P., Danielski, R. & Czepielewski, M. A. (2002). Esteróides anabolizantes no esporte. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, 8(6), 235-243.
- Superior Tribunal Militar (STM). (2015). *Pesquisa institucional sobre condutas criminosas de maior incidência para a Justiça Militar da União*. Brasília: Centro

- de Estudos Judiciários da Justiça Militar. Acesso em: https://www.stm.jus.br/images/CEJUM/pesquisa_cejum_entorpecentes_2015.pdf.
- Silveira, D. X. D., & Doering-Silveira, E. B. (2016). *Padrões de uso de drogas: Eixo Políticas e Fundamentos*. Brasil: SEAD-Seretaria de Educação a distância. Retirado de <http://www.aberta.senad.gov.br/medias/original/201704/20170424-094251-001.pdf>.
- Tavares, B. F., Béria, J. U., & Lima, M. S. (2001). Prevalência do uso de drogas e desempenho escolar entre adolescentes. *Revista de Saúde Pública*, 35(2), 150-158.
- Toscano Jr., A. (2001). Adolescência e drogas. In S. D. Seibel & A. Toscano Jr.(Orgs.), *Dependência de drogas* (pp. 283-302). São Paulo: Atheneu.
- Vasters, G. P. & Pillon, S. C. (2011). O uso de drogas por adolescentes e suas percepções sobre adesão e abandono de tratamento especializado. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 19(2), s.p.
- Vianna, A. G. (2014). A aliança do supereu com a pulsão de morte no uso de drogas. *Tempo Psicanalítico*, 46(2), 299-314.